



## Falando sobre maternidade em redes sociais: letramentos digitais como espaços de redescritção identitária

Lúcia Gomes Pinheiro<sup>1</sup>  
UFRJ

**Resumo:** Embora visões essencialistas de gênero feminino e masculino como correspondendo a padrões de comportamento fixos e opostos venham sendo questionadas por teorizações feministas e pela Teoria Queer, a vivência da maternidade é tradicionalmente vista como condição para um suposto exercício pleno do gênero feminino, crença que gera ainda sentidos aprisionadores das formas de viver o gênero para muitas mulheres. Diante de tal constatação, o presente artigo visa investigar a (re)construção discursiva da relação entre gênero feminino e maternidade em eventos de letramento digital, quais sejam, interações em um fórum de uma comunidade da rede social Orkut, cuja temática é a opção pela não-maternidade. Os letramentos são entendidos aqui como práticas socioculturais situadas em que as pessoas, lançando mão de estratégias sociodiscursivas, constroem significados acerca de si mesmas, dos outros e do mundo social ao relacionarem textos a modos mais amplos de ser e atuar. Esse potencial dos letramentos de (re)constituírem quem somos tem sido exacerbado nas redes sociais digitais que, além de hibridizarem várias semioses, oportunizam a criação e sustentação de relações sociais entre pessoas de contextos diferentes e de diversos atravessamentos identitários. A profusão de discursos assim gerada pode tornar as comunidades digitais espaços favoráveis à emergência de novas performances e redescritções identitárias. Nesse sentido, a análise de trocas interacionais com base em teorias sobre assimetria interacional e acerca de progressão de tópico apontou a encenação do que interpreto como performances alternativas de feminilidade, as quais podem constituir um exercício de ressignificação sociopolítica da condição feminina.

**Palavras-chaves:** maternidade, performance, letramentos digitais

**Abstract:** Essentialist gender perspectives which view males and females as conforming to opposing sets of normative behaviors have been criticized by feminist studies and Queer Theory. Nevertheless, the experience of motherhood is still considered a necessary condition for the fulfillment of women's femininity and such belief has limited gender enactment possibilities for many of them. Taking that into account, the present article aims at analyzing how the relation between the feminine gender and motherhood can be discursively (re)constructed in virtual literacy events, that is, talks in an affinity community, namely Orkut. The concept of literacy underlying this investigation is that of a situated social practice in which people, in the process of interacting with texts, engage in the construction of meaning regarding themselves, their interlocutors and social life. Such processes of meaning construction have been deeply heightened in affinity communities. These environments,

---

<sup>1</sup> luciagp12@hotmail.com



*besides presenting different semiotic resources, make it possible for people from several geographical areas, sociocultural backgrounds and identity profiles to interact and establish relationships, which, in turn, can lead to the acting out of unusual performances and to identity (re)construction. The analysis of virtual interactions, having as a framework theories of interactional asymmetry and of topic progression, has shown what I consider to be alternative performances of femininity. As such performances defy motherhood as an inherent condition of women, they simultaneously contribute to redefine femininity in social and political terms.*

**Keywords:** motherhood, performance, digital literacies

## 1. Introdução

“Não quero ser mãe, e daí”? “A maternidade é uma dádiva”. Esses enunciados que aludem a discursos em competição na contemporaneidade acerca da maternidade circulam e se entrecruzam em uma velocidade vertiginosa nas infovias (MOITA LOPES, 2010). O debate que mobiliza significados tão diversos sobre a questão da não-maternidade em redes sociais como, por exemplo, o Orkut, contexto da investigação de que trata o presente artigo, é representativo de uma dentre as múltiplas práticas de letramento digital que exercem impacto na (re)constituição das identidades sociais, tornando-as cada vez mais fluidas e cambiantes.

Estamos diante da desterritorialização da experiência sociocultural, do fluxo de uma pluralidade de discursos e crenças e de uma hipersemiotização da sociedade possibilitada pela revolução tecnológica e pela difusão e convergência dos meios de comunicação de massa (MOITA LOPES, 2010; JENKINS, 2008). Nesse panorama, as práticas de letramento digital, nas quais a linguagem assume papel central, tornam-se inescapavelmente lugares privilegiados de produção/consumo de conhecimento e informação, de estabelecimento de relações pessoais (SCHRAGE, s/d) e de reconstrução identitária (MOITA LOPES, 2010). Não obstante a permanência de valores ligados a formas de vida normativizadas e à expertise individual no tocante à produção de conhecimento, as práticas de letramento digital têm sido apontadas em pesquisas (MOITA LOPES, 2010; DAVIES; MERCHANT, 2009; LANKSHEAR; KNOBEL, 2008; 2007) como tendo um grande potencial de desenvolvimento de uma cultura participativa e de



suporte mútuo entre os que se engajam em tais práticas. Ressalta-se o ciberespaço como um locus sociopolítico de reconstrução de sentidos cristalizados e encapsuladores da experiência humana.

Na condição de sujeito que já foi confrontado por enunciados que me sugeriram a impossibilidade de realização pessoal em função da condição de não-maternidade, interessa-me investigar práticas de letramento nas redes sociais que façam emergir novos significados diante da ainda majoritária celebração da maternidade como essência da condição feminina (BADINTER, 2011; FIDALGO, 2003). Visando esse objetivo, trilho o seguinte percurso: na seção 2, apresento o contexto sociohistórico de desenvolvimento dos letramentos digitais; na seção 3, faço uma discussão acerca da natureza dos letramentos digitais como práticas sociais; na seção 4, teço considerações sobre a relação entre gênero feminino e maternidade nos espaços off-line e virtual; na seção 5, apresento o contexto de investigação e instrumental teórico-metodológico de análise; na seção 6, procedo à análise; e, por fim na seção 7, lanço alguns questionamentos que me mobilizam a continuar pesquisando.

## 2. Contexto sociohistórico contemporâneo

Nas últimas décadas do século XX, tornaram-se muito mais visíveis transformações globais imbricadas em todos os aspectos da vida social (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999). No âmbito econômico, destaca-se a reestruturação do capitalismo, com o aprofundamento da busca de produtividade e lucro calcada na flexibilização das relações capital/trabalho e na globalização da produção (CASTELLS, 2000: 36), processo cujas velocidade, expansão e eficiência são inseparáveis do avanço das tecnologias de informação. Tais transformações econômico-tecnológicas estão entretecidas a mudanças em outras esferas da sociedade: em termos políticos deve-se ressaltar a política neoliberalista de dissolução das medidas de proteção social, a reconfiguração do espectro de influência do Estado-nação, a desestabilização das fronteiras geopolíticas tradicionais (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999) e a formação e mobilização de grupos de base identitária na luta por direitos políticos (MOITA LOPES, 2002); no tocante aos aspectos socioculturais, tem ocorrido um maior fluxo de pessoas



de uma grande variedade de nacionalidades e etnias, o enfraquecimento de referências tradicionais como a família e a religião articulando-se à constituição de novos significados acerca das identidades de gênero e de sexualidade; e, finalmente, como consequência da revolução tecnológica e difusão dos meios de comunicação, constata-se a desterritorialização da experiência, do conhecimento e das relações sociais LANKSHEAR; KNOBEL, 2008; 2007; SCHRAGE, s/d.)

Dentre as transformações sociais elencadas, cabe uma discussão mais detalhada acerca da inter-relação entre o grande desenvolvimento das novas tecnologias digitais e o dos meios de comunicação, desenvolvendo-se o que Jenkins denomina “cultura da convergência” (2008: 27). A noção de convergência abarca “o fluxo de conteúdos através de múltiplos suportes midiáticos, a cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e o comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação” (id.: 27), configurando um cenário midiático multifacetado e marcado por relações de poder entre os conglomerados produtores e os usuários, em torno das quais se organizam as práticas de produção/consumo dos conteúdos midiáticos (SÁBADA; GORDO, 2008). A convergência é, pois, ao mesmo tempo um processo corporativo, ligado ao poder dos grandes conglomerados de difusão global, mas também um processo de consumidor, pois, ampliando o acesso aos vários conteúdos midiáticos, tem permitido às pessoas não só consumirem tais conteúdos, mas também ressignificá-los, recolocando-os em circulação e disponibilizando-os de novas formas a outros sujeitos (JENKINS, 2008). Esse processo não se dissocia e é, inclusive, alimentado, por exemplo, pela formação de redes sociais virtuais em que se reúnem muitas vezes sujeitos oriundos de diferentes locais físicos, segmentos sociais e atravessamentos identitários em torno de variados focos de interesse e graus de afinidade. Gera-se, enfim, um ambiente midiático marcado pelo compartilhamento de informações e conhecimento e pela coexistência de discursos por vezes em consonância, por vezes em embate (JENKINS, 2008; SÁBADA; GORDO, 2008).

O panorama contemporâneo de mudanças vertiginosas e de fluxo de discursos contraditórios, no bojo da perda de influência de valores e crenças tradicionais, é associado, todavia, por autores como Bauman (2005) à incerteza e ao risco. Diante da ausência de projetos duradouros e em um quadro de marquetização total da vida, as pessoas se voltam para prazeres efêmeros, sobretudo os proporcionados pelo consumo (MARTIN, 2008).



Pondera-se que o ciberespaço atuaria mais para a criação de mercados de publicidade e de consumo do que como uma esfera pública de empoderamento de cidadãos. Entretanto, todas essas transformações têm criado oportunidades também um intercâmbio de significados e visões de mundo sem precedentes na história (MOITA LOPES, 2010). É no próprio ciberespaço, por exemplo, que se encontram as maiores possibilidades de as pessoas se organizarem contra o sequestro de suas subjetividades pela aludida marquetização de vários domínios da vida social. Nesse contexto se inscreve, então, a possibilidade de redescrição identitária e da vida social como um todo. Diante, contudo, da fluidez e da velocidade de nossos tempos intensifica-se o apego a identidades primárias - religiosas, étnicas, territoriais e nacionais - que têm ainda forte capacidade de mobilização social (CASTELLS, 2000). Esse embate aponta, a meu ver, para a relevância de apurar o olhar para os novos espaços virtuais de criação de sentido não só pelo fato de que, também neles é visível a tensão velho-novo, mas também porque podem propiciar o ensaio de novas formas de vida, em uma reconfiguração lenta, porém contínua, da própria história.

### 3. Letramentos digitais como práticas sociais situadas

A compreensão das práticas de construção de significado na contemporaneidade como multifacetadas, situacionais e relacionais (MOITA LOPES, 2010; LANKSHEAR; KNOBEL, 2008; BARTON; HAMILTON 1998) coaduna-se com a adoção da forma plural letramentos, como fazem Lankshear e Knobel (2008: 64) ao se referirem a modos socialmente reconhecidos pelos quais as pessoas, como membros de comunidades discursivas em lugares, culturas e tempos específicos, constroem significado por meio de textos codificados, entendidos aqui em sentido amplo, englobando quaisquer modalidades semióticas.

As possibilidades de redescrição identitária nas práticas de letramento situam-se no entrecruzamento entre as histórias de letramento do indivíduo e da comunidade de que ele/ela faz parte e também na articulação entre o nível local e sociohistórico mais amplo em que tais práticas se inserem (BARTON; HAMILTON, 1998). Dessa forma, a construção de significados em eventos de letramento é marcada por relações de poder que, em certa





medida, definem o que conta como letramento em um dado contexto e os sujeitos cuja participação é legítima (BLOOME, 1998). Recorrendo, contudo, à teorização de Foucault (2007) segundo a qual o poder não emana de um centro único, mas é difuso microcapilarmente pela trama social, a todo poder correspondendo uma resistência, as pessoas, em suas práticas de letramento local, podem ressignificar os sentidos provenientes, por exemplo, de instituições tradicionais e de produções midiáticas de alcance global (WILLIAMS, 2009; SÁBADA; GORDO, 2008). A conveniência, a acessibilidade, a compressão espaço-tempo e a velocidade de circulação de informações, dentre outros elementos associados às múltiplas modalidades de letramentos digitais, têm, conforme Williams (2009), Dobson e Willinsky (2009) e Lankshear e Knobel (2007), permitido um incremento na constituição de sentidos sobre a vida social para uma significativa parcela da população, apesar da exclusão digital ainda de grandes contingentes, sobretudo em países mais pobres (DOBSON; WILLINSKY, 2009; CASTELLS, 2000). Como destaca Moita Lopes, (2010) ao cruzarmos fronteiras por meio da linguagem nas práticas de letramento digitais nos colocamos diante de sujeitos de diferentes atravessamentos identitários e de discursos em fluxo, o que pode desestabilizar crenças essencialistas, oportunizando novos modos de entender o mundo.

O grande desenvolvimento e impacto discursivo das tecnologias digitais são vinculados por Lankshear e Knobel (2007: 31) ao processo sociohistórico de emergência de um novo “mindset” na contemporaneidade, ou seja, a um quadro de referência por meio do qual indivíduos ou grupos de pessoas experienciam ou interpretam o mundo, em contraposição ao mindset do período industrial moderno. Dentre os traços fundamentais do mindset contemporâneo, ao qual corresponderia a versão da web 2.0, destacam-se o compartilhamento da informação, as noções de autoria difusa e inteligência coletiva e o caráter colaborativo na produção de conteúdo, o que compõe, assim, um novo “ethos” do letramento. Cabe ainda dizer que embora haja regras para a participação e interação nos ambientes virtuais e, conforme já discutido, limitações ligadas a poderes institucionais e interesses mercadológicos (SÁBADA; GORDO, 2008), a ausência de um paradigma textual fixo, consoante o mindset contemporâneo, abre espaço para a experimentação e o hibridismo. Ampliam-se a interatividade e as relações sociais para além daquelas geradas no meio físico e em torno do texto impresso, como no mindset tradicional. É importante observar, entretanto, conforme advertem Lankshear e Knobel (2007: 93), que o simples recurso à tecnologia digital



em uma prática de letramento não autoriza incluí-la no mindset contemporâneo ou denominá-la “novo letramento”. Os autores ponderam que para caracterizar uma prática de letramento como tal é necessário e suficiente que ela possua o novo ethos do letramento já assinalado. Esse novo ethos pode ser visibilizado em um dos componentes mais expressivos da web 2.0, ou seja, em um grupo de serviços e projetos especialmente conectados, designados “softwares sociais” (SÁBADA; GORDO, 2008). Esses softwares maximizam a utilização de ferramentas tecnológicas e recursos multimodais a serviço da articulação online de múltiplos usuários, discursos e elementos da cultura popular (WILLIAMS, 2009; DOBSON; WILLINSKY, 2009). Dentre esses softwares, Dobson e Willinsky (2009: 30) elencam os weblogs, os wikis, o trackback, o podcast e as redes sociais, tais como o MySpace, o Facebook e o Orkut, essas últimas discutidas a seguir.

As redes sociais ou comunidades de afinidades online, como o Facebook, Myspace e Orkut, ao disponibilizarem ferramentas e aplicativos que possibilitam e estimulam a composição de perfis sociais, a geração e modificação de conteúdo informacional e relacional pelo usuário, bem como a conexão e a colaboração entre seus diversos participantes, configuram-se em espaços de letramento típicos do já discutido ethos associado ao mindset contemporâneo e à Web 2.0 (DAVIES; MERCHANT, 2009; KNOBEL; LANKSHEAR, 2008). As escolhas retóricas e os recursos multimodais empregados na produção do perfil pessoal e de mensagens e, ainda, o pertencimento a determinado tipo de comunidade sinalizam interesses fazendo com que os usuários se constituam mutuamente como sujeitos sociais. Nesse sentido, particularmente enriquecedora para a compreensão das redes sociais é a noção de Wenger (1998), pensada originalmente para as comunidades de prática, de que os processos de construção de significado envolvem a dualidade entre reificação (ferramentas, símbolos, histórias e conceitos) e participação (a interação no “aqui” e “agora”). Consoante essa dualidade, a interpretação dos enunciados produzidos em uma interação recorre, por um lado, a significados reificados. Por outro lado, contudo, na nova instância de participação há possibilidades de extensão, ajuste rejeição, modificação ou confirmação dos significados e simbologias já construídos.

Apesar da possibilidade de fluidez discursiva das redes sociais propícia à (re)constituição identitária, é importante, lembrar, contudo, que as comunidades também podem ser normativas e assimétricas (BRAGA, 2008), operando-se muitas vezes uma regulação



social dos textos com regras sobre quem tem acesso a eles ou pode produzi-los (BARTON; HAMILTON 1998). Mesmo com essas restrições, tem se desenhado um cenário mais volátil e democrático, no qual as garantias do anonimato e da proteção à face são um convite ao esmaecimento das fronteiras entre assuntos públicos e privados e ao exercício de novas performances (MOITA LOPES, 2010). Com efeito, a tensão entre reprodução da ordem socioinstitucional e criação de novos significados já assinalada por Wenger (1998) marca também as interações nas comunidades virtuais, o que torna muito útil a teorização de Butler (2003[1990]) sobre performance para a compreensão dos processos de redescrição identitária que se forjam naquelas interações. Segundo Butler (2003[1990]: 36), as identidades não se apoiam em uma essência; são constituídas no fazer, nas práticas, ou seja, nas performances. Ao se referir ao gênero, mas tecendo considerações válidas para quaisquer aspectos identitários, a autora (ibid: 45) argumenta que o gênero é efeito de uma série de atos dentro de um enquadre regulatório rígido que, repetidos, ganham a substância de algo natural, sendo reificados. O gênero, no entanto, conforme celebra Butler (ibid.: 45.), como uma prática discursiva em processo, está aberto à intervenção e à resignificação. A instância de participação, ou seja, as interações nas comunidades virtuais oportunizam aos seus usuários “experimentar outros modos de ser nos textos que escrevem ao se colocarem como personagens e sob os efeitos discursivos de suas performances” (MOITA LOPES, 2010: 13). Os interlocutores no espaço online podem romper com significados reificados e aprisionadores das potencialidades da vivência humana, como os que vinculam a maternidade a uma essência do gênero feminino, questão abordada na próxima seção.

#### **4. A relação entre gênero feminino e maternidade nos espaços off-line e virtual**

Ainda é bastante vigente na contemporaneidade a ideia de que o exercício da condição feminina em sua plenitude está condicionado ao tornar-se mãe e uma boa mãe (BADINTER, 2011; 1985; FIDALGO, 2003), apesar das conquistas feministas, que desmistificaram a noção de capacidade intelectual como atrelada à matriz biológica, diversificando a atuação da mulher na vida social para além dos papéis de esposa e mãe





(FIDALGO, 2003). O vínculo entre maternidade e condição feminina se apoia ainda na propagação da figura de Maria como símbolo de amor oblativo pelo discurso religioso (Badinter, 1985). A maternidade está, pois, inscrita em uma trama sociohistórica de significados e de relações de poder, ainda prevalentes, que prescrevem posições de sujeito para mulheres.

A associação entre gênero feminino e maternidade, que foi sendo forjada dentro de regimes de verdade, pode, todavia, ser questionada por uma perspectiva genealógica (FOUCAULT, 1979) que busca regatar os processos sociohistóricos em que se deu a afirmação de determinadas performances de maternidade como ideais e hegemônicas. Nesse sentido, é fundamental, conforme já discutido, a ênfase conferida por Butler (2003[1990]) ao caráter performativo de gênero e à possibilidade de subvertê-lo. No que concerne à questão específica do presente trabalho, ou seja, a maternidade, o empreendimento genealógico tem sido realizado mais recentemente por autores como Badinter (2011; 1985) que, com base em dados históricos, questiona a universalidade do amor materno, sublinhando a extrema variabilidade cultural, geográfica e histórica dos diversos modelos de maternidade. Ao historicizar, principalmente em relação à França, as condições de possibilidade de emergência e desenvolvimento do conceito de “amor materno”, tal como conhecemos hoje, Badinter (1985: 147) observa que essas condições situaram-se na confluência de três discursos de diferentes teores: um discurso econômico, dirigido apenas aos homens, que relacionava o cuidado das crianças pelas mães como uma forma de garantir o crescimento populacional; um discurso filosófico, comum aos dois sexos, que amalgamava elementos como o amor romântico, a valorização da infância e a vida em família como núcleo de felicidade e ainda, um terceiro discurso, cujo precursor foi Rousseau. Esse último discurso, voltado exclusivamente às mulheres, versava acerca do exercício da boa maternidade como destino e dever das mulheres, podendo contingencialmente assumir um tom de promessa de glória ou de ameaça.

No que tange aos espaços midiáticos em geral e às redes sociais, a questão da maternidade constitui um objeto de frequente tematização e de coexistência entre significados tradicionais e alternativos. Braga (2008), em sua análise de interações no Blog “Mothern”, observa que esse veículo, ao atualizar a experiência materna cotidiana, exerce um papel relevante na (re)construção da identidade feminina de gênero. A participação no blog converteria a conversa entre mulheres sobre filhos, vida conjugal e doméstica, antes



desvalorizada socialmente como algo enfadonho, em uma prática de mulheres modernas pelo engajamento tecnológico, como que revigorando um “um núcleo relativamente estável acerca do papel e atributos relativos à feminilidade” (id: 11). Com efeito, a partir de minha prática de investigação, tenho observado o que considero como significativa superioridade, na rede social Orkut, do número de comunidades que versam sobre os temas maternidade (ou não-maternidade involuntária) em relação às que tratam da não-maternidade como opção. Pode-se, então, questionar se mesmo em um lócus que propicia a emergência de novas performances, a maternidade não é ainda construída como um traço de essência do gênero feminino. Na descrição, por exemplo, da comunidade intitulada “A maternidade não é pra todas”, a maternidade é qualificada como uma “dádiva (...), responsabilidade que Deus confere ao coração da mulher (...)” e a condição de ser mãe é tida como “instintiva, e tá nos genes (...)”. O próprio título da comunidade e a noção de dádiva divina colocam as mulheres mães como um grupo de eleitas, podendo gerar efeitos semânticos de preconceito e exclusão, em relação às não-mães. Diante, pois, da permanência de sentidos tradicionais acerca da maternidade, alguns dos quais constroem a mulher “não-mãe” sob uma perspectiva de incompletude, parece-me epistemológica e politicamente pertinente e interessante focalizar outras possibilidades de encenação do gênero feminino. Para tal, elejo como contexto de pesquisa um fórum de uma comunidade da rede “Orkut” que versa sobre a opção pela não-maternidade. A seguir, discuto brevemente o contexto de investigação, bem como as categorias teórico-analíticas.

## 5. Instrumental teórico-analítico, contexto e sujeitos de pesquisa

O contexto de pesquisa consiste nas interações ocorridas em um fórum da comunidade da rede social Orkut intitulada “Não quero ser mãe, e daí?”. Segundo informações constantes na página de apresentação da comunidade, a mesma foi fundada em março de 2009 por uma usuária que se denomina “Luzia Kelly”. A comunidade encontra-se dentro da categoria “Família e Lar”, é do tipo “pública” e quanto à privacidade do conteúdo é “aberta a não-membros”. De acordo com dados constantes na citada página, a qual acessei em novembro de 2011, o número de integrantes da comunidade é de quarenta e sete e não há



postagens recentes. O fórum em tela, intitulado “Mãe”, tem o tópico de discussão estabelecido pela pergunta “Por que você não quer ser mãe?” postada pela participante “Tayanne”. As participantes da interação sob análise são integrantes da comunidade em questão e a minha avaliação, com base nas fotos disponibilizadas na rede, é a de que se situam, em sua maioria, entre vinte e trinta anos.

O instrumental teórico-analítico é de base sociocultural (MARKOVA, 1990). São centrais para a análise a ser desenvolvida os entendimentos de que: 1- a construção de significados nas interações se dá na articulação entre o nível micro e o contexto sociohistórico de inserção de tais interações. Desse modo, os interlocutores ocupam tanto categorias endógenas à interação quanto exógenas, relativas, por exemplo, a classe social, atravessamentos identitários, etc.; 2- os enunciados são sempre dialógicos, ou seja, constituem uma resposta ativa a enunciados precedentes e exigem resposta de enunciados subsequentes (BAKHTIN, 1999). A construção de significados se faz, pois, intersubjetivamente. Os construtos utilizados na análise são: 1- a assimetria focalizada tanto como gerenciada na própria interação quanto como ancorada no contexto social e institucional (DREW, 1991; LINNEL, 1990) e 2- a progressão de tópico (FOPPA, 1990).

## 6. Análise dos dados

A analista dos dados a seguir apresentados sou eu, uma mulher de 42 anos, casada, classe média e não-mãe por impossibilidade biológica. Estou ciente de que a análise está inescapavelmente imbricada com essa perspectiva e com o meu interesse sociopolítico de vislumbrar sentidos subversivos de construções essencialistas acerca do gênero feminino. Admito também as lacunas deixadas pela não contemplação, na análise, dos recursos semióticos encontrados no fórum, mais precisamente as fotos, bem como pela não exploração de outros elementos como, por exemplo, os links para os perfis das participantes. Tais ausências devem-se, sobretudo, ao escopo limitado do presente trabalho. O excerto abaixo foi retirado do fórum sem quaisquer correções gramaticais ou ortográficas.



Sequencia única: fórum intitulado “Mãe?”

1     [.Tayanee](#)                      31/03/09

2-     Por q vc ã quer ser mãe???

3-     [Ro \\* Isabelle\\*](#)                      07/05/09

4-     Ser mãe é muito complexo, ofício que requer tempo e dedicação, Ser mãe para garantir  
5-     a velhice segura e ter quem cuide de você é injusto com o filho que pretende colocar no  
6-     mundo. Criança requer carinho e dedicação nos primeiro anos de vida para que sua  
7-     formação como individuo AMADO não possa causa conflitos na sua vida adulto "se  
8-     Recebo amor/ darei AMOR", no meu caso trabalho estudo moro longe da família e deixar  
9-     uma criança com babá só para cobri-la de presentes e dizer sou MÃE, prefiro não ser...

10-   [Nice](#)                                      14/05/09

11-   Sinceramente nunca tive vontade, mas a sociedade não entende meu ponto de vista  
12-   isto é ridículo. (...)só não tenho vontade de ser mãe, concordo com tudo dito pelas  
13-   participantes da nossa comunidade  
14-   Um beijão para vcs

15-   [Verônica](#)                                      15/07/09

16-   Deus me livre e guarde

17-   á parou pra pensar em:



- 18- Como estará a economia do País daqui há 8 anos?
- 19- Já pensou nas DEFORMIDADES corporais que ficarão PRA SEMPRE em vc?
- 20- Já pensou no seu casamento (eu pensei em tudo isso e MUITO MAIS)
- 21- Privacidade.
- 22- Liberdade
- 23- Libido
- 24- TEMPO (que já é a coisa mais precioso nos dias de hoje devido á correria das grandes
- 25- metropoles eu ainda prefiro(casa-trabalho-academia (...)) do que (casa-creche emprego
- 26- Emprego -creche e casa) tÔ FORA! No supermercado prefiro as sessoes Light e Diet do
- 27- que "fraldas e papinhas).Na farmácia prefiro as sessões CREMES ANTIIDADES do que
- 28- "expectorantes e cremes pra assaduras". Pode parecer egoismo? PODE. É talvez um
- 29- egoismo. Mas antes ser egoista HOJE do que colocar um bebe no mundo pra ser judiado
- 30- corrompido pela sociedade (...))Não não!!! deixa como tá.Um a menos no mundo. E
- 31- acredito que temos o livre arbitrio pra pensarmos como quisermos sobre o que quisermos
- 32- lecidirmos tudo como preferirmos. Não concordam? E fora que pra quem é casada
- 33- Deu a louca cabe tudo em uma mochila.É só subir na moto e pegar a estrada. Se
- 34- tivéssemos um bebe,seria:mala,cadeirinha,carrinho...e no MINIMO um carro grande rsss
- 35- DEIXA COMO TÁ....que é melhor pra mim,pra nós e pro mundo
  
- 36- [:jFeR](#) Disse TUDO! 17/ 08/ 09

O próprio título da comunidade, “Não quero ser mãe, e daí?”, pode ser interpretado como um enunciado que dialoga com enunciados ainda bastante prevalentes na sociedade (BAKHTIN, 1999), segundo os quais a maternidade constitui um destino natural e esperado para o gênero feminino (BADINTER, 2011; FIDALGO, 2003). O uso da expressão informal “e daí” com uma carga semântica de desafio e contestação atua no sentido de mitigar a assimetria (DREW, 1991) entre as vozes defensoras da maternidade como um traço da essência feminina, maioria em nossa sociedade, e as vozes das mulheres que optam pela não-





maternidade, minoria tanto na rede social sob análise quanto na sociedade em geral. O enunciado relativo à descrição da comunidade “As mulheres devem ter o direito de não quererem ter filhos sem serem discriminadas.” também pode ser entendido como em embate com enunciados circulantes na vida social (Bakhtin, 1999) que possuem um teor discriminatório e/ou excludente em relação às mulheres que elegem a não-maternidade. Tal enunciado pela sua força ilocucionária de “reivindicação” e ao mobilizar singificados relacionados à noção de luta (“direito”; “não-discriminação”) rentabiliza a rede social como espaço sociopolítico (SÁBADA; GORDO, 2008; MOITA LOPES, 2010).

O fato de a face estar preservada no ambiente virtual faz deste um espaço interacional peculiar em que se intensificam as possibilidades de construção de significados (MOITA LOPES, 2010). Com efeito, a resposta “Não quero ser mãe, e daí?” à possível pergunta “Por que você não quer ser mãe?” no mundo off-line fosse talvez evitada por soar agressiva. O diálogo na rede social oportuniza, desse modo, performances discursivas mais assertivas. Outro aspecto relevante diz respeito aos fatos de que no ambiente do fórum virtual não há possibilidade de tomada de “turno” ou de progressão de tópico imediatas por parte de um interlocutor discordante (FOPPA, 1991). A reivindicação do direito de não-discriminação, por exemplo, está plasmada na interface da rede social. Esse recurso tecnológico leva a que os sujeitos que queiram refutar um dado enunciado tenham antes que lê-los, sendo, possivelmente, em alguma medida, levados a refletir sobre ele (LANKSHEAR; KNOBEL, 2008). Cabe, então, o questionamento: em contextos off-line, ao estar em uma posição assimétrica por integrar uma minoria social, a mulher não-mãe teria a mesma chance de fazer valer seu turno ou, ainda, a sua reivindicação atingiria a repercussão alcançada no espaço público virtual?

Passando à análise das interações no fórum, a pergunta inicial (l. 2) estabelece o tópico da discussão. O recurso paralinguístico do triplo ponto de interrogação pode ser lido como uma reação de surpresa, espanto ou questionamento diante da rejeição da maternidade. A participante, que integra a comunidade, ao lançar a pergunta faz ressoar a voz de questionamento da maioria da sociedade para a qual maternidade é algo natural, esperado de uma mulher. Pode-se aventar que ela queira acionar sentidos para o debate e/ou confrontar as suas próprias razões para a não-maternidade com as razões alheias, em um exercício de reconstrução identitária. Essa participante encontra-se em uma posição de dominância interacional em relação às demais pelo fato de estabelecer a temática da discussão e também



por atuar provisoriamente como pertencendo a uma categoria exógena à interação (aqueles que associam necessariamente gênero feminino à maternidade) (LINELL, 1990). Entretanto, a elaboração de uma pergunta totalmente aberta, sem a imposição de perspectivas ou sugestões que norteiem e/ou restrinjam possíveis respostas contribui para mitigar a assimetria inicialmente estabelecida (id.). A pergunta controla, mas não inibe a progressão do tópico, talvez porque a participante, também optante pela não-maternidade, tenha interesse genuíno em suscitar as razões das possíveis interlocutoras.

Os diversos aspectos das micro-interações, conforme Marková (1990) são produtos do próprio encadeamento dos enunciados, ou seja, do “aqui” e “agora” das interações. No excerto em tela as participantes que respondem à pergunta se valem de vários movimentos e estratégias interacionais para redefinirem a já discutida assimetria inicial e atuam no sentido de fortalecerem tanto sua posição micro-interacional de interlocutoras quanto sua condição macrosocial de mulheres não-mães. As participantes capitalizam o potencial interacional e de construção de significados da rede social (SÁBADA; GORDO, 2008; LANKSHEAR; KNOBEL, 2007) e decidem sobre a extensão de seus enunciados (alguns bastante longos) e sobre os tópicos tratados que, embora possam ser categorizados como “razões” em consonância com a pergunta, abrangem uma grande variedade de aspectos e assuntos. Nesse sentido, é fundamental na análise da construção colaborativa de significados nas interações, focalizar-se a progressão de tópicos (FOPPA, 1990). Alguns dos enunciados acrescentam, expandem e reforçam argumentos e sentidos de enunciados precedentes. A preocupação, por exemplo, com as implicações e responsabilidades sociais da maternidade expressa no enunciado de Ro \* Isabelle \* (l. 4 e 6 a 9) é retomada em cores mais dramáticas por Verônica (l. 29, 30). A crítica contra a imposição social da opção pela maternidade presente na fala de Nice (l. 11,12) é reafirmada por Verônica (l. 30 a 32), destacando-se a escolha, pela última, de itens lexicais que constroem a maternidade como um ato volitivo (“acredito”; livre arbítrio”; “pensarmos”; “quisermos”; “decidirmos”; “preferirmos”, l. 31, 32) Os enunciados se somam para construir o significado de não-maternidade como decisão de foro íntimo e apontam para a encenação, pelas participantes, de performances de desafio às prescrições sociais (MOITA LOPES, 2010; BUTLER, 2003[1990]). Os enunciados contribuem ainda para o fortalecimento das relações de pertencimento (“nossa comunidade” l. 13) e para a configuração de um ethos colaborativo e de apoio mútuo expresso no uso de expressões de concordância (“Concordo com tudo dito”, l.



12,13; “Disse TUDO!”, l. 36) (Lankshear; Knobel, 2008; Wenger, 1998). O sequenciamento de enunciados que se reforçam mutuamente atua, pois, na construção da opção pela não-maternidade como fruto de reflexão e de responsabilidade, possibilitando que as não-mães exerçam performances tradicionalmente não associadas a elas, qual seja, a de uma mulher altruísta, posto que preocupada com o futuro de potenciais filhos.

Finalmente, cabe aqui atenção especial à fala de Verônica pelo arsenal de sentidos que a participante convoca. Verônica inicia sua fala com uma expressão bastante popular “Deus me livre e guarde” (l. 16) e, literalmente, invoca proteção divina para algo a que comumente se atribui o status de “dádiva”, como já discutido. Na sequência, ela lança mão de uma série de argumentos de ordem sociohistórica (futuro da economia, l. 18; sociedade corrompida, l. 29,30) e principalmente de razões mais especificamente pessoais, para justificar sua escolha. Ao expor essas últimas, a participante desenvolve várias performances, as quais contrapõe à performance de “mãe devotada”, esperada pela sociedade. Ela se constrói como uma mulher que quer conservar a beleza (l. 19; 26, 27); como uma mulher que preza sua atividade sexual (l. 20, 23); como uma mulher multitarefa (l. 24 a 26), como uma consumidora voltada para a própria satisfação (l. 26, 27) e ainda como uma aventureira (l. 33 a 35). É interessante ainda observar o emprego de recursos paralinguísticos para acentuar aspectos das performances como o excesso de pontos de interrogação, as letras maiúsculas, a sequência de letras “rssss” (l. 35) ao divertir-se com a alusão a “mala, cadeirinha, carrinho” elementos tipicamente vinculados à experiência materna. Deve-se destacar também que mesmo admitindo (provisoriamente) a performance de uma pessoa egoísta (“É talvez um egoísmo”, l. 28, 29), Verônica não se coloca em uma posição assimetricamente inferior (DREW, 1991), de quem se rendeu ao discurso tradicional de maternidade como destino de essência ao qual se filia a pergunta inicial. A participante faz uso de uma série de movimentos interacionais que vão paulatinamente desconstruindo o argumento tradicional (de não-maternidade como egoísmo) para reconstruir tal opção como uma atitude responsável no mundo contemporâneo. Ela emprega uma pergunta (“Pode?”, l. 34), para, então, responder enfaticamente (“PODE”, l. 34), em uma aparente concessão e, finalmente, comparar situações (“antes ser egoísta (...) que colocar um bebê no mundo para ser judiado...”, l. 28) justificando, por fim, sua opção como resultado de uma reflexão. A participante apresenta, assim, uma gama de performances



alternativas para o exercício do gênero feminino e, possivelmente, só em um ambiente virtual ela teria espaço para elaborar um discurso tão longo e contundente.

## 7. Últimas Palavras

O excerto sob análise apresenta, assim, movimentos interacionais que atuam conjuntamente para redefinir a assimetria inicial tanto endógena à interação (as contribuições das participantes motivadas por uma pergunta), quanto exógena (a condição de defensoras da não-maternidade, grupo numericamente inferior ao restante da sociedade). Os enunciados, que se complementam mutuamente na defesa de argumentos pessoais e sociais para justificar a não maternidade, favorecem não só a citada mitigação da assimetria em nível micro, mas ensaiam performances alternativas à visão de maternidade como condição essencial para uma suposta vivência plena do gênero feminino.

As repercussões sociohistoricas das interações virtuais analisadas, ainda que restritas, me mobilizam a novos questionamentos cuja relevância, creio, está ligada à difusão e impacto das práticas de letramento digital na (re)construção da vida e das identidades sociais. Em que medida, no caso, por exemplo, da interação analisada, a possibilidade de diálogo e de colaboração na construção de significado se associou à diluição de marcas identitárias de classe social e de raça, que não foram explicitamente evocadas pelas participantes ao longo da “conversa” virtual? Essa primeira indagação me leva então a refletir acerca da relevância dos espaços virtuais na desestabilização de categorias identitárias que engendrem preconceito e exclusão. Diante da intensificação, pelas práticas de letramentos digitais, das possibilidades de proteção da face, de mitigação da assimetria entre os interlocutores e de afluência de múltiplos sujeitos e discursos que se entrecruzam nas fronteiras fluidas das infovias, cumpre criar uma inteligibilidade sobre a profusão de tais práticas e interrogar-nos acerca de como capitalizar seu potencial para a subversão e luta contra sentidos ainda cristalizados. As incertezas são muitas, o que representa também possibilidades de novos ensaios e redescrições identitárias.



## Referências

- BADINTER, E. *O conflito: a mulher e a mãe*. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BAKHTIN, M (VOLOSHINOV) *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1999.
- BARTON, D.; HAMILTON, M. *Local literacies: reading and writing in one community*. London: Routledge, 1998.
- BAUMAN, Z. *Los retos de la educación en la modernidad líquida*. Barcelona: Gedisa, 2005.
- BLOOME, D. Foreword. In: Barton, D.; Hamilton. *Local literacies: reading and writing in one community*. London: Routledge, 1998.
- BRAGA, A. *Personas materno-eletrônicas: feminilidade e interação no Blog Mothern*. Porto Alegre: Sulina, 2008.
- BUTLER, J (1990). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. São Paulo: Tempo Virtual, 2000.
- CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. *Discourse*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.
- DAVIES, J.; MERCHANT, G. *Web 2.0 for schools. Learning and social participation*. New York: Peter Lang, 2009.
- DOBSON, T.; WILLINSKY, J. Digital Literacy. In Olson, D. R.; Torrance (Orgs.) *The Cambridge Handbook of Literacy*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.
- DREW, P. Assymetries of knowledge in conversational interactions. In: Markova, I; Foppa, K. *Assymetries in dialogue*. Hemel Hempstead: Simon& Schuster, 1991.
- FIDALGO, L. *(Re)construir a Maternidade numa Perspectiva Discursiva*. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.
- FOPPA, K. Topic progression and intention. In: Markova, I; Foppa, K. *The dynamics of dialogue*. Hemel Hempstead: Simon& Schuster, 1991.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- \_\_\_\_\_. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 2007.





JENKINS, H. *Cultura da convergência*. São Paulo: Aleph, 2008.

LANKSHEAR, C.; KNOBEL, M. Introduction. In: LANKSHEAR, C.; KNOBEL, M. (Orgs.) *Digital Literacies: concepts, policies and practices*. New York: Peter Lang, 2008.

\_\_\_\_\_. *New literacies: everyday practices and classroom learning*. Berkshire: McGraw Hill- Open University, 2007.

LINELL, P. The power of dialogue dynamics. In: Markova, I; Foppa, K. *The dynamics of dialogue*. Hemel Hempstead: Simon & Schuster, 1990.

MARKOVA, I. Introduction. In: Markova, I; Foppa, K. *The dynamics of dialogue*. Hemel Hempstead: Simon & Schuster, 1990.

MARTIN, A. Digital Literacy and the Digital Society. In: LANKSHEAR, C.; KNOBEL, M. (Orgs.) *Digital Literacies: concepts, policies and practices*. New York: Peter Lang, 2008.

MOITA LOPES, L. P. *O novo ethos dos letramentos digitais: modos de construir sentidos, revoluções das relações e performances identitárias fluidas*. mimeo. Programa Interdisciplinar de Linguística Aplicada, UFRJ, 2010.

\_\_\_\_\_. *Identidades Fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula*. Campinas: Mercado das Letras, 2002.

SÁBADA, I; GORDO, A. Introduccion. La tecnologia es política por otros medios. In: Sábada, I.; Gordo, A. (Orgs.) *Cultura digital y movimientos sociales*. Madrid: Catarata, 2008.

SCHRAGE, M. *The relationship revolution*. Mimeo. s/d.

WENGER, E. *Community of practice: learning, meaning and identity*. Cambridge: Cambridge: Cambridge university Press, 1998.

WILLIAMS, B. T. *Shimmering literacies: popular culture & reading & writing*. New York: Peter Lang, 2009.